

IDENTIDADE DO PROFESSOR DO SÉCULO XXI

Andréia Lemos de Oliveira (G-UEMS)
Dr^a Doracina Aparecida de Castro Araujo (UEMS)

Resumo: O objetivo deste artigo é compreender a importância da tecnologia para o professor, bem como discutir seus problemas para a humanidade, refletindo sobre as exigências e os desafios a serem rompidos. O aporte teórico centrou-se em Marx e Saviani. Este artigo constitui em um convite a professores e alunos da formação inicial a refletirem sobre seu papel social, pois educar é ir além de suas possibilidades de sala de aula, é a troca e a busca de novas experiências para um processo de transformação.

Palavras-chave: Tecnologia. Professor. Aprendizagem. Identidade. Conhecimento.

Abstract: The objective of this article is to understand the importance of the technology to teachers, as well as discuss its problems for the humanity, reflecting on the requirements and the challenges to be overcome. Its theoretical support was centered in Marx and Saviani. This article is an invitation to teachers and students of the initial formation to reflect on its social importance, therefore, to educate is to go beyond its possibilities of classroom, it is to exchange and search of new experiences for a process of transformation.

Key-words: Technology. Teacher. Learning. Identity. Knowledge.

INTRODUÇÃO

Com o desenvolvimento tecnológico que está ocorrendo no processo produtivo e seus desdobramentos políticos, sociais e éticos é evidente que o conhecimento, a criatividade, a aquisição de informações e acima de tudo a inteligência são matérias primas indispensáveis para o desenvolvimento humano e pessoal. A sociedade está cada vez mais modificada, a cidadania moderna interconectou-se e as exigências se evidenciam, o mundo se encontra em constante mudança, os educadores neste novo contexto se deparam com um grande desafio, o de aprender e reaprender suas práticas.

O professor do século XXI deve saber produzir, de forma que haja um constante aprendizado com relação a si e ao aluno, levando os mesmos a buscarem processos de investigação e pesquisa.

É necessário que o professor nesta nova perspectiva seja parceiro de seus alunos instigando os mesmos a serem autônomos, críticos e participativos, pois é essencial esta troca e a busca de novos conhecimentos.

As tecnologias atuais são vitais para o desenvolvimento humano e auxiliam muito na correria do dia-a-dia, mas é importante que o educador esteja preparado e disposto a proporcionar as duas vertentes desse processo de mudanças, para que os jovens possam ser agentes de sua história e do seu país.

Os professores como intelectuais precisam ser transformadores que promovam mudanças e que incentivem seus alunos nesta luta contra as injustiças sociais, econômicas e políticas para assim buscar soluções para os problemas da atualidade.

1. O PROFESSOR, A TECNOLOGIA E SEU PAPEL NA EDUCAÇÃO

O futuro, agora, pertence às sociedades que conseguirem se organizar para aprender (RAY MARCHAL S. MARCTUCKER).

Os anos de 1990 foram marcados por profundas mudanças, a globalização é a principal delas, além disso, esta década foi marcada por transformações de fundo social, político e econômico. Em decorrência destas mudanças, fez-se necessário uma melhoria constante na qualidade em diversas áreas, entre elas a educacional.

A revolução tecnológica introduziu uma nova era, conhecida como a era da informação e do conhecimento. O conhecimento neste contexto torna-se o principal instrumento capaz de fornecer subsídios para o avanço tecnológico. Assim o educador tem papel fundamental e é de extrema importância acompanhar todas estas transformações que a virada do milênio possibilitou, de forma que educador e educando caminhem e busquem o conhecimento e a informação criticamente, de modo que possam organizar este aprendizado para que consigam avançar nestas rápidas e constantes mudanças.

Avanço este que só será possibilitado quando a massa crítica conseguir organizar suas ações em prol da sociedade, do ser humano. Humano este não na forma estrita da palavra, mas na forma ampla, pois só assim a humanidade caminhará para um futuro mais digno e solidário. Para tanto, é essencial que o professor esteja atento a todas as curiosidades e meios de comunicação e que não apenas ensine, mas que sirva de auxílio na construção da identidade, da vida e ética de seus alunos, pois são valores que não podem ser esquecidos. Ensinar é ir além de suas possibilidades de sala de aula é ir para fora dela.

[...] na educação o foco, além de ensinar, é ajudar a integrar ensino e vida, conhecimento e ética, reflexão e ação, a ter uma visão de totalidade. Educar é ajudar a integrar todas as dimensões da vida, a encontrar nosso caminho intelectual, emocional, profissional, que nos realize e que contribua para modificar a sociedade que temos (MORAN, 2000, p.17).

O professor é tido como o principal veículo de informação, pois a ele compete ensinar e ingressar o indivíduo na cultura letrada, é sempre visto na sociedade como o responsável por vários fracassos e também vitórias, mas as instituições de ensino, eu diria têm papel fundamental para que o conhecimento transmitido pelo professor seja eficaz e atinja os resultados esperados, e que nessa realidade até agora descrita, está ficando atrás ou às margens desse processo de mudanças.

Assim, as instituições de ensino são organizações com estruturas e que possuem valor, mas estas devem, necessitam de atualizações como os professores para que possam caminhar e acompanhar todas as transformações, pois corre risco de serem excluídas do processo. O educador tem seu papel, mas é necessário que toda sociedade, comunidade juntamente com seus representantes, pais, alunos, professores, coordenadores e diretores estejam envolvidos no processo, para que ele seja concluído com eficiência.

O educador deve sempre estar à frente, aberto a mudanças. Mudar é preciso, tudo a todo instante está em constante mudança, o indivíduo nunca pode se considerar completo,

realizado, pois o mercado está cada vez mais competitivo e em constante crescimento, portanto o indivíduo que se considera realizado e pára de se desenvolver não conseguirá acompanhar e conquistar seus objetivos.

A tecnologia avança a todo instante, trazendo inovações e rapidez em seu processamento, e o papel do educador é de processar esses dados, ultrapassando seu papel autoritário, de dono da verdade, para que sua identidade seja a de um bom professor que corre atrás das informações, que pesquisa e incentiva, aprendendo e ensinando de forma mútua.

O professor neste sentido deve aguçar o crescimento do aluno e apresentar todo este processo para que ele possa acompanhar e se adequar às necessidades do mercado, não esquecendo de formar o humano em seu contexto histórico e social.

O docente que não evolui, não se prepara, não se possibilita este crescimento será um profissional antiquado, tido como tradicional, pacato, autoritário não no sentido de ter autoridade, pois são conceitos distintos, e que formam pessoas submissas, oprimidas e dependentes; o que por sinal é um excelente fator contribuinte da desordem mundial.

[...] Enquanto isso, boa parte dos professores é previsível, não nos surpreende; repete fórmulas sínteses. São docentes 'papagaios', que repetem o que lêem e ouvem que se deixam levar pela última moda intelectual, sem questioná-la (MORAN, 2000, p.17).

Nesse sentido é importante frisar que a escola tradicional é hoje muito criticada por ser uma mera transmissora de conteúdos prontos que são tidos como desconectados de suas finalidades sociais, pois os avanços científicos e tecnológicos ocorridos na sociedade atual cobram e esperam algo a mais que faça a diferença. A escola em cada momento histórico tem sua finalidade e assume uma expressão, uma resposta à sociedade em que está inserida, ou seja, ela não é neutra, mas sim ideológica e politicamente comprometida, portanto é necessário mudar e avançar para assim romper os desafios impostos por esta nova era.

O professor deve ter compromisso político, buscar por meio do diálogo melhorias para a educação, para que a qualidade da educação seja satisfatória, para tanto é necessário que os educadores exijam seus direitos e melhorias de trabalho, para assim conquistar o seu espaço e fazer com qualidade o seu trabalho, é preciso que pais, alunos, professores e a sociedade em geral colaborem para que uma nova ação seja posta em prática, que surta efeitos positivos, pois o fazer político do professor é fazer com que o aluno aprenda de modo que transforme a realidade social, econômica e política em que vive.

Desse modo, a sociedade passou com o avanço dos tempos a exigir escolarização de todos os cidadãos, passando a ser um meio de sobrevivência nesta época em que quem não detém um mínimo de escolarização não consegue pegar um ônibus ou caminhar em uma grande metrópole, pois corre o risco de não chegar ao local desejado, e mesmo usufruir dos benefícios que a sociedade recente construiu, ou seja, para garantir seus direitos como cidadão pressupõe detenção de algum tipo de conhecimento elaborado. A Revolução Francesa possibilitou o acesso universal ao ensino, mas a sociedade burguesa atual não só cumpriu este acesso, como também criou meios de impedir este benefício aos cidadãos.

A legislação educacional brasileira é prova viva desta situação. Os termos constitucionais redefinidos na lei 9.394/96 regem em seu artigo 3º que a educação deve garantir igualdade de condições para acesso e permanência na escola e valorização do profissional de educação bem como a garantia de padrão de qualidade (BRASIL, 1996). Mas o que vemos e percebemos é que não é bem isto que acontece, a educação está sofrendo um caos que vem desde os problemas mais primitivos pelo que já passou e que até o momento não foram resolvidos por não se cumprirem o que foi garantido por lei.

Destarte, o educador depara-se com grandes obstáculos ao colocar em prática as leis e direitos que lhes são atribuídos, como tornar este direito válido nesta sociedade tão injusta e egoísta e como passar para seus educandos estes direitos e deveres sendo que a todo o momento a vida lhes revela que não é bem assim que funcionam as leis neste mundo de conturbações, mas mesmo com todos estes problemas o educador deve, precisa fazer valer, por meio de seus estudos e conhecimentos, seus direitos e buscar transformar juntamente com seus alunos a realidade em que se encontram.

A responsabilidade que o educador encontra é grande, mas é necessário romper esta postura “pedagógica” que, talvez inconscientemente, lhe foi imposta, pois também foi formado por ela. O ensino tradicional nesta perspectiva de crescimento e mudanças tecnológicas deve ser abolido. O individual, marca do tradicionalismo tem que acabar o professor neste contexto deve “desaprender”, ou seja, considerar o contexto social, histórico, trabalhar coletivamente, para isso precisa abandonar as formas que aprendeu e construir um novo aprendizado. Aprender mutuamente com seus alunos, trocar informações e idéias por meio da interação com o grupo.

Nessa perspectiva, o educador, além de demonstrar total domínio do conteúdo deve inseri-lo no dia-a-dia de seus alunos respondendo às necessidades sociais nas quais está inserido. É preciso que o professor trabalhe os conteúdos **contextualizando-os** a todas as áreas do conhecimento, pois este não é linear e sim produto histórico da humanidade. Assim o conhecimento precisa ser inserido em um todo maior que lhe dá sentido. Dessa forma, os educadores devem estar atentos ao transmitir o conhecimento a seus educandos, pois correm o risco de fragmentá-lo, ou seja, desprovê-lo da totalidade (SAVIANI, 2003).

O pedagogo deste século deve acompanhar esta nova linguagem digital, inserindo-a em seu cotidiano, pois este meio de comunicação está sendo o lócus do conhecimento, mas é preciso passar este conhecimento de forma crítica a seus alunos promovendo a reflexão dos mesmos sobre o assunto, para que não caiam na lista de um simples modismo fútil e inútil. Assim, para avançar e aprender o novo, é essencial abandonar os hábitos antigos, e reaprender para suprir as perdas e acrescentar coisas novas ao conhecimento e experiência já existentes.

Este é só um dos vários problemas a serem vencidos. O mundo contemporâneo nos impõe outros que o educador deste século não pode fugir ou fingir, tendo-o como ignoto, mas deve assumir e preparar-se para superá-los da melhor forma possível.

No mundo das especificidades, da divisão do conhecimento, é comum o professor bombardear seus alunos com informações sem ter o cuidado que estas sejam assimiladas por eles, caindo na “decoreba”: o aluno decora o que está sendo exposto de forma puramente mecânica, o professor, no entanto, deve ser o mediador deste conhecimento. Coll diz:

[...] falar de aprendizagem significativa equivale, antes de tudo, pôr em relevo o processo de construção de significados como elemento central do processo de ensino/aprendizagem... O aluno pode também aprender de forma puramente memorística e repetir mecanicamente sem entender [...] (1994, p.148).

Desta maneira, é importante que o educador transmita o conhecimento de modo que haja interação e compreensão de seus alunos, mas para isso é preciso mudar sua concepção e postura sobre os mesmos, pois ambos devem caminhar e percorrer os caminhos juntos. Os alunos não são “tábuas rasas” como eram tidos antigamente. Hoje esta postura já mudou, por conta de pensadores e estudiosos da área que em suas pesquisas comprovaram que a criança tem muito a oferecer; para tanto é preciso que os professores interfiram na zona de desenvolvimento “proximal” de seus alunos fazendo com que eles passem da síntese para a síntese, como Marta Kohl esclarece em seu artigo que:

[...] o desenvolvimento deve ser olhado prospectivamente: marca como mais importantes no percurso de desenvolvimento exatamente aqueles processos que já estão embrionariamente presente no indivíduo, mas ainda não se consolidaram [...] em termos de atuação pedagógica, essa postulação trás consigo a idéia de que o professor tem o papel explícito de interferir na zona de desenvolvimento proximal dos alunos, provocando avanços que não ocorreriam espontaneamente (VYGOTSKY, 1995, p.11).

Essa nova postura implica que os professores deste século têm de estar sempre se atualizando, atentos a sua formação e correr atrás dos prejuízos para assim adequar a essa nova demanda que por sinal está mais exigente. Mas essa nova forma de agir, exige compromisso e dedicação por parte deste profissional importantíssimo no processo de ensino/aprendizagem.

A revolução tecnológica trouxe várias melhorias, dentre elas as transformações no modo de produção, possibilitando ao trabalhador a oportunidade cada vez mais próxima da liberação do trabalho mecânico, repetitivo, mas também nos impõem à aflição do desemprego que é o lócus do mundo contemporâneo. Além disso, a era do conhecimento e da informação nos remete à competitividade dando ênfase à valorização do “capital” e da inteligência.

O docente nesta perspectiva é responsável a passar a seus alunos todas as transformações que são vitais e auxiliá-los para esta era de modernidade e injustiças, pois ao mesmo tempo em que elas nos trazem comodidade e melhorias também nos trazem frustrações, pelo fato de que a competitividade é muito grande e para adequar a essa nova demanda de mercado é preciso sofrer algumas conseqüências, como estresse acarretado pelo dia a dia.

É preciso ser autêntico e confiante e propiciar as duas vertentes deste processo, ou seja, os benefícios e os malefícios que ela nos impõe.

Todas estas mudanças colocam ao educador uma grande dificuldade que é unir teoria com prática e passar esta alavanca de informação de modo que ambos se tornem livres, autônomos, agentes de sua história, criativos e reflexivos, pois um dos grandes embates é aproximar aluno e professor.

Essa é a principal vertente. O professor deste século deve preparar o aluno para que ele possa ter autonomia e deixe de ser alienado, pois é isto que acontece neste mundo massificado, em que a sociedade, o homem tem como ideal o consumo.

O “capitalismo” e o “capital” são os principais responsáveis por esta mudança de valores. Consumir é essencial nesta sociedade; tornou-se um modo de vida, que causa angústias e frustrações. Aquele que não pode e não detém o capital, torna-se escravo desse capital. Para Ortiz:

[...] já não é mais suficiente que as mercadorias sejam produzidas e consumidas em escala nacional. Essas mudanças que se realizam na esfera econômica supõem, no entanto, uma outra, de natureza cultural. Os homens devem estar aptos a comprar os produtos fabricados. [...] As mercadorias têm de ser adquiridas independentemente de seu ‘valor de uso’. A ética do consumo privilegia sua ‘inutilidade’ (1994, p.118-119).

Nesse contexto, os meios de comunicação estão transformando os homens cada vez mais em pessoas solitárias e dependentes de bens materiais, mesmo que estes só sirvam para satisfazê-lo no momento, ou seja, que são inúteis depois de compensar seu desejo de consumo.

Viver nesta sociedade tal qual ela está, transformou-se em uma questão de sobrevivência. Cada vez mais o “capital” é quem dita regras; quem possui o poder está à frente de tudo e de todos; o homem está sendo alienado em relação ao produto do seu trabalho e está cada vez mais distante de seus semelhantes por conta da competitividade, que faz com que o homem trabalhe individualmente, pois está inserido em uma competição na qual quem vence é o mais preparado.

Neste contexto, a escola e o educador devem oferecer subsídios para que ao se educarem, os jovens se tornem pessoas que possam viver bem e não apenas que se tornem trabalhadores preparados para o manuseio das tecnologias e consumidores em potencial, conforme pressupõe a “era da informática”. A instituição e os educadores precisam oferecer aos educandos o contexto histórico da humanidade para que criticamente, no futuro, eles possam construir uma sociedade de homens “emancipados” e preparados para que não seja uma massa alienada, de “alienação intelectual”. Chauí afirma que:

A alienação intelectual resultante da separação entre trabalho material (que produz mercadorias) e trabalho intelectual (que produz idéias). A divisão entre as duas modalidades de trabalho leva a crer que trabalho material é uma tarefa que não exige conhecimentos, mas apenas habilidades manuais, enquanto o trabalho intelectual é responsável exclusivo pelos conhecimentos. Vivendo numa sociedade alienada os intelectuais se alienam (2001, p.173).

A inteligência competitiva e a valorização do capital intelectual fazem com que haja esta separação entre as classes, distanciando e alienando o homem do próprio gênero humano. Os pedagogos nesse aspecto precisam rever seus métodos e suas metodologias de ensino, pois atualmente passam aos jovens um conhecimento pronto e acabado, como se fosse uma mercadoria embalada para o consumo em que ano após ano só mudam as embalagens, pois o conteúdo é sempre o mesmo. É necessário oferecer muito além do que está nas cartilhas e livros didáticos.

É preciso romper com este mundo imaginário e acordar para o real. A criança de hoje é fruto de uma sociedade letrada em que os meios de comunicação como rádio, TV, panfletos e outdoors a toda hora ditam os valores, as regras a serem seguidas, portanto está em contato com leitura e a escrita em diversas horas do dia.

Nesse aspecto, é de extrema importância que o educador, como transmissor e mediador do conhecimento, transmita-o de forma criativa e crítica. Assim, possibilitará aos mesmos serem construtores de uma sociedade mais justa e igualitária desprovida do trabalho e ensino mecânico, cidadãos políticos e pesquisadores que façam a diferença na história. Para isso é necessário que as instituições e professores possibilitem um ensino de qualidade e um acesso igualitário que atenda a todas as especificidades. Um ensino e espaço democráticos de construção e reconstrução do conhecimento, em que a dúvida, certezas, incertezas e verdades sejam colocadas como sendo marcas vitais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, busquei trazer ao leitor reflexões sobre a identidade do professor neste século, a partir de constatações sobre o papel da tecnologia na educação. Conforme procurei deixar claro, os avanços tecnológicos precisam ser utilizados de forma positiva e não atrelada à sociedade de consumo e capitalista em que vivemos e que enfoca o homem como máquina e não em sua humanidade. O professor e o aluno são os principais agentes do processo educativo, por isso sujeitos de sua história. A sociedade letrada é ponto de referência para os processos educativos.

Este artigo constitui um convite aos professores e acadêmicos de Pedagogia a repensarem seu papel enquanto educadores, pois educar não é simplesmente transmitir conhecimento, é muito mais é a troca de experiências; não existe um saber pronto e acabado, mas sim um processo de transformação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, T. W. **Palavras e sinais: modelos críticos**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.
- BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, DF: Senado Federal, 1996.
- CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. 12. ed. São Paulo: Ática, 2001.
- COLL, C. S. **Aprendizagem escolar e construção do conhecimento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- CURY, C. R. J. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9.394/96**. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2005.
- DEMO, P. **Pesquisa e construção do conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.
- GADOTTI, M. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- GASPARIN, J. J. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

MORAN, J. M.; MASETTO, M. T. e BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 6.ed. Campinas, SP: Papirus, 2000.

OLIVEIRA, M.K. O Pensamento de Vygotsky como fonte de reflexão sobre a educação. **Caderno Cedes**. 1995, n. 35, p.9-14.

ORTIZ, R. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 8. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.